28. Passos, P, Davids, K, Araújo, D, Paz, N, Minguéns, J, & Mendes, J (2011). Network as a novel tool for studying team ball sports as complex social system. *J Sci Med Sport* 14: 170-176.
29. Peebles PZ (2001). *Probability, random variables, and random signal principles*, McGraw-Hill.
30. Peña JP, Touchette H (2013). A network theory analysis of football strategies, In C Clanet (Eds), *Sports Physics: Proceedings Euromech Physics of Sports Conference Proc*. Éditions de l'École Polytechnique: Palaiseau, 517-528.
31. Sargent J, Bedford A (2013). Evaluating Australian Football League Player Contributions Using Interactive Network Simulation. *J Sports Scie Med* 12: 116-121.
32. Sarmento H, Anguera M T, Campaniço J, & Leitaol (2013). A metodologia Observacional como método para análise do jogo de Futebol. Uma perspectiva teórica. *Boletim de la Sociedade Portuguesa de Educação Física* 37: 9-20.
33. Vales A (1998). *Propuesta de indicadores tácticos para la optimización de los Sistemas de Juego en Fútbol*. Tesis Doctoral. Universidad de La Coruña.
34. Vales A, Gayo A, Pita H, Fernandez C (2011). Design and application of a multidimensional battery of performance indicators for evaluating competitive performance in top-level football. *Int. J. Sports Sci* 23: 103-112.
35. Vaz V (2011). *Especialização desportiva em jovens hoquistas masculinos. Estudo do jovem atleta, do processo de selecção e da estrutura do rendimento*. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra: FCDEF.UC.
36. Vaz, V, Gama J, Valente-dos-Santos J, Figueiredo A, Dias G (2014). Network: análise da interação e dinâmica do jogo de futebol. *Rev Port Cien Desp* 14: 12-25.
37. Yamamoto Y, Yokoyama K (2011). Common and Unique Network Dynamics in Football Games. *PLoS ONE* 6: 12, e29638.
38. Yokoyama, K., & Yamamoto, Y. (2009). Qualitative changes and controlling factors in ball sports: evidence from six-player field hockey games. *Jpn J Phys Fit Port* 54: 355-365.
39. Yue Z, Broich H, Seifriz F, Mester J (2008). Mathematical Analysis of a Soccer Game. Part I: Individual and Collective Behaviors. *J Human Kinet* 3: 223-243.

AUTORES:

Luciana Ferreira ¹
 José Luiz Lopes Vieira ¹
 Francielle Cheuczuk ¹
 João Ricardo Nickenig Vissoci ¹
 José R. A. do Nascimento Junior ¹
 Lenamar Fiorese Vieira ¹

¹ Programa de Pós-Graduação
 em Educação Física,
 Universidade Estadual de Maringá.
 UEM-UEL. Maringá – PR (Brasil)

<https://doi.org/10.5628/rpcd.15.02.51>

Impacto da orientação às metas na percepção da eficácia coletiva no contexto do voleibol juvenil

PALAVRAS CHAVE:

Orientação às metas. Eficácia coletiva.
Desempenho.

SUBMISSÃO: 5 de Dezembro de 2014

ACEITAÇÃO: 31 de Agosto de 2015

RESUMO

Este estudo investigou o impacto da orientação às metas sobre a eficácia coletiva de jovens atletas de voleibol, medalhistas e não medalhistas. Foram sujeitos 185 atletas das equipes masculinas e femininas participantes do Campeonato Paranaense Sub-18 2014. Como instrumentos foram utilizados o Questionário de Orientação às metas e o Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte. Na análise dos dados, utilizou-se o teste "U" de *Mann-Whitney*, a correlação de *Spearman* e a Regressão Simples Multivariada ($p < 0.05$). Os resultados evidenciaram que os atletas medalhistas apresentaram escores superiores em todas as dimensões da eficácia coletiva (Habilidade, Esforço, Persistência, União e Preparação) e maior orientação para a tarefa em comparação aos atletas não medalhistas ($p < 0.05$). A orientação para a tarefa apresentou impacto significativo na percepção de eficácia coletiva tanto dos atletas medalhistas quanto dos não-medalhistas ($p < 0.05$), todavia com maior destaque para os não-medalhistas. Concluiu-se que no contexto do voleibol juvenil a orientação para a tarefa é um fator chave para a percepção de eficácia coletiva dos atletas, principalmente para atletas que ainda estão em busca do melhor nível de desempenho.

Correspondência: Luciana Ferreira. Rua Paranaguá, número 565, bloco 11, apto 22. Zona 7. Maringá –PR, Brasil. (luferreira.ed@gmail.com).

Impact of the goal orientations in the perception of collective efficacy in the youth volleyball context

ABSTRACT

This study investigated the impact of the goals orientation on the collective efficacy among young volleyball players (medalists and non-medalists). Participants were 185 athletes from male and female teams participating of the Under 18 Paraná's Championship. Data collection was conducted with the Task and Ego Orientation Sports Questionnaire and the Collective Efficacy Questionnaire for Sports. For data analysis, Mann-Whitney, Spearman Correlation and Multivariate Simple Regression were conducted ($p < 0.05$). The results showed that medalists athletes had higher scores in all dimensions of collective efficacy (Skill, Effort, Persistence, Preparation and Union) and higher task orientation compared to non-medalists ($p < 0.05$). Task orientation had significant and moderate impact on the medalists' and non-medalists' perception of CE ($p < 0.05$), however most notably for the non-medalists. It was concluded that for the young volleyball context the task orientation is a key factor for the athletes' perception of collective efficacy, especially for athletes who are still in search of better performance.

KEY WORDS:

Goals orientation. Collective efficacy. Performance.

INTRODUÇÃO

O que leva muitas vezes uma equipe de baixo nível técnico vencer um adversário tecnicamente superior? Qual a importância do trabalho em grupo dentro de uma equipe esportiva? Questões como estas têm sido amplamente discutidas e trabalhadas por treinadores esportivos, visto que altos níveis de auto eficácia e eficácia coletiva (EC) têm sido apontados como fatores chaves para o sucesso esportivo ^(5, 16, 23, 38). Nesse contexto, a EC tem sido apontada a como uma das propriedades psicológicas importantes para o sucesso de uma equipe esportiva ^(10, 19). Dessa forma, compreender os processos psicológicos envolvidos na construção da EC das equipes de sucesso no esporte pode proporcionar implicações teóricas e práticas para as ciências do esporte.

A EC pode ser considerada como uma variável compartilhada da capacidade coletiva do grupo em se organizar com sucesso e realizar as tarefas em equipe ⁽⁴¹⁾. Assim, a forma como os atletas interagem, se comunicam e são organizados em grupos, definem os resultados cognitivos, comportamentais e afetivos no esporte ^(3, 9). Recentes investigações têm identificado que o comportamento do treinador influencia a percepção de EC do atleta ^(15, 28) por meio de elementos como o *feedback* positivo, o suporte social e as instruções fornecidas durante os treinamentos ⁽⁴⁰⁾. Tais fatores criam um ambiente satisfatório para a prática esportiva ^(2, 12), cujas particularidades podem ser estudadas a partir de um dos principais elementos da Teoria de Orientação às Metas (TOM) ⁽¹²⁾. Além de ser considerada uma das cinco fontes clássicas de EC ⁽³⁾, a Orientação às Metas (OM) tem sido apontada por pesquisadores como um importante fator psicológico interveniente no desempenho esportivo ^(5, 6, 29).

Conceitualmente a OM se refere às estruturas de metas situacionais criadas pelos pares (treinadores, pais, amigos), podendo ser caracterizada a partir de duas distintas orientações: Orientação para o Ego (OE) e Orientação para a Tarefa (OT) ⁽³⁶⁾. A OT é atribuída ao esforço, maior persistência e interesse do atleta ⁽⁷⁾, o qual tem como parâmetro sua própria referência de rendimento. Dessa forma, o atleta está focado em habilidades pessoais associadas com o nível de habilidades já adquiridas e não as compara com outros companheiros e/ou adversários. A OE está associada a uma maior competitividade, com elevação da ansiedade durante a competição, avaliando o seu desempenho na comparação com o resultado dos outros para comprovar a sua capacidade ⁽¹⁴⁾. As duas orientações devem ser analisadas dentro de um determinado contexto, não devendo uma ser considerada mais relevante do que a outra ⁽³²⁾. Os dois tipos de orientações devem ser entendidos dentro da perspectiva da TOM, visto que não estabelecem um perfil dos sujeitos e não podem ser utilizadas como rótulos, uma vez que podem estar presentes ou ausentes ao mesmo tempo, em diferentes situações e com diferentes intensidades, em um mesmo indivíduo ^(7, 12).

Estudos recentes têm revelado associação entre as OM estabelecidas pelos treinadores e o comportamento individual de atletas ^(1, 29), entretanto, são escassas as pesquisas que exploraram as relações entre a OM e as variáveis da dinâmica de grupos ^(6, 16). Dessa forma, o presente estudo teve como foco a análise da influência da orientação às metas dos atletas sobre a percepção de EC da equipe a partir da abordagem da Teoria de Orientação as Metas. Estudos na área do esporte já têm apontado evidências empíricas sobre a relação entre a OM e a EC ^(5, 6, 27, 29), indicando que uma forte disposição na orientação para a tarefa auxilia no conceito de cooperação, e, conseqüentemente, na melhor percepção da EC. Já uma alta orientação ao ego pode contrariar esse conceito, visto que um atleta com esta orientação está mais preocupado com o seu resultado individual do que o sucesso da equipe ^(5, 21, 27).

Apesar de tais achados, ainda não há um consenso na literatura a respeito da relação direta da OM sobre a EC no contexto esportivo em geral, uma vez que as pesquisas existentes avaliaram apenas atletas de futebol ^(5, 29), remo ⁽²⁷⁾, basquetebol e handebol ⁽¹⁷⁾, apresentando evidências da relação positiva entre as OM, o clima motivacional satisfatório e a percepção de EC. Contudo, ainda não existem evidências empíricas que confirmam se a relação entre tais variáveis é semelhante em atletas de diferentes níveis de desempenho competitivo.

Diante disso, em uma tentativa de expandir o conhecimento e a compreensão a respeito das relações entre OM e a EC no contexto esportivo, o presente estudo teve como objetivo investigar a OM e a EC de atletas de voleibol, buscando especificamente verificar o impacto das OM na percepção de EC de jovens atletas de equipes de diferentes níveis de desempenho (medalhistas e não-medalhistas).

METODOLOGIA

SUJEITOS

Fizeram parte do estudo as 16 equipes de voleibol participantes do Campeonato Paranaense Sub-18 de 2014, totalizando 185 atletas, sendo 95 do sexo masculino e 90 do sexo feminino. Os atletas apresentaram uma média de idade de 17.27 ± 1.25 anos e uma experiência média como atletas de 4.0 ± 2.4 anos. O critério para a definição dos grupos (medalhistas e não-medalhistas) – foi o nível de desempenho esportivo (participação no Campeonato Paranaense Sub-18, que é a principal competição para jovens atletas do estado).

Medalhistas – Atletas das equipes que terminaram a competição na 1ª, 2ª e 3ª posição (n = 71). Não-medalhistas – Atletas das equipes que terminaram a competição da 4ª posição em diante (n = 114).

INSTRUMENTOS

Para verificar a orientação às metas dos atletas foi utilizado o *Task and Ego Orientation Sports Questionnaire* (TEOSQ) ⁽⁷⁾, validado para a língua portuguesa como Questionário de Orientação às Metas ⁽¹³⁾. O instrumento é composto por 16 itens distribuídos em duas subescalas: Orientação para a Tarefa e Orientação para o Ego. O questionário é respondido numa escala *Likert* de 5 pontos, num *continuum* de “1” (discordo totalmente) a “5” (concordo totalmente). Para a análise dos dados, médias ponderadas dos resultados dos itens de cada dimensão foram calculadas, inseridos na análise como variáveis observadas. A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) revelou ajuste aceitável [χ^2 (100) = 164.77; p = 0.001; χ^2/gl = 1.65; CFI = 0.92; GFI = 0.90; TLI = 0.91; RMSEA = 0.05; P (RMSEA < 0.05) = 0.16], atestando aplicabilidade do TEOSQ a nossa amostra. A confiabilidade composta para a consistência interna foi satisfatória (Orientação Tarefa = 0.78; Orientação Ego = 0.80).

Para mensurar o nível de Eficácia Coletiva dos atletas foi utilizado o Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte (CEQS) ⁽³⁷⁾, adaptado para o contexto brasileiro por Paes ⁽³³⁾. O instrumento é composto por 20 itens distribuídos por cinco subescalas: Habilidade, Esforço, Persistência, União e Preparação. Os itens são respondidos numa escala do tipo *Likert* de 9 pontos, num *continuum* de “1” (nada confiante) a “9” (extremamente confiante). Para a análise dos dados, médias ponderadas dos resultados dos itens de cada dimensão foram calculadas, inseridos na análise como variáveis observadas. Para verificar a estrutura fatorial do instrumento para a amostra do estudo foi conduzida uma AFC, a qual apresentou ajuste aceitável [χ^2 (159) = 343.74; χ^2/gl = 2.16; CFI = 0.90; GFI = 0.89; TLI = 0.89; RMSEA = 0.08]. Os valores da confiabilidade composta para a consistência interna foram satisfatórios (Habilidade=0.83; Esforço=0.81; Persistência=0.80; União=0.77; Preparação=0.75).

PROCEDIMENTOS

A pesquisa está integrada ao projeto institucional sob o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COPEP) nº 339.11. Inicialmente foi solicitada a autorização para realização da pesquisa junto a Federação Paranaense de Voleibol. Para a coleta de dados foram contatados os técnicos das equipes participantes do Campeonato Estadual Sub-18 do Paraná de 2014. A coleta dos dados ocorreu no local da competição, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com duração média de 35 minutos, no primeiro semestre de 2014.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise preliminar dos dados foi realizada por meio do teste de normalidade de *Kolmogorov Smirnov*. Como os dados não apresentaram distribuição normal serão expressos em Mediana (Md) e Quartis (Q1-Q3). Para a comparação entre os grupos (medalhistas e não-medalhistas) foi utilizado o Teste “U” de *Mann-Whitney*. Para analisar a relação entre a qualidade da relação treinador-atleta e a eficácia coletiva dos atletas utilizou-se a matriz de correlação de *Spearman*. A significância adotada foi $p<0.05$. Tais análises foram conduzidas com o auxílio do *software SPSS* versão 19.0.

Para verificar o impacto da orientação as metas sobre a eficácia coletiva dos jogadores (medalhistas e não-medalhistas), foram conduzidos diferentes modelos de regressão com as variáveis que obtiveram correlação significativa ($p<0.05$). A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de *Mahalanobis* (DM^2) e a normalidade univariada das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de assimetria ($ISkI<3$) e curtose ($IKuI<10$) uni e multivariada. Como os dados não apresentaram distribuição normal, utilizou-se a técnica de *Bootstrap* de *Bollen-Stine* para corrigir o valor dos coeficientes estimados pelo método da Máxima Verossimilhança ⁽³⁰⁾ implementado no *software* AMOS versão 18.0. Para verificar a adequação da amostra para a análise proposta, aplicamos a técnica de *Bootstrapping* ⁽²⁶⁾. Não foram observados valores de DM^2 indicadores da existência de *outliers*, nem correlações suficientemente fortes entre as variáveis que indicassem problemas com a multicolinearidade (*Variance Inflation Factors* <5.0). Partindo das recomendações de Kline ⁽²⁴⁾, a interpretação dos coeficientes de regressão teve como referência: pouco efeito para coeficientes < 0.20 , médio efeito para coeficientes até 0.49 e forte efeito para coeficientes > 0.50 ($p<0.05$).

RESULTADOS

Como se pode verificar no Quadro 1, os jogadores medalhistas apresentaram maior nível em todas as dimensões de eficácia coletiva (Habilidade, Esforço, Persistência, União e Preparação) em comparação aos atletas não-medalhistas ($p<0.05$). Em relação à orientação às metas, nota-se que os atletas medalhistas demonstraram maior orientação a tarefa ($p=0.016$) em comparação aos atletas não medalhistas. Não houve diferenças significativas na orientação para o ego ($p>0.05$).

QUADRO 1. Comparação do nível de eficácia coletiva e da orientação às metas dos jovens atletas de voleibol em função do desempenho na competição.

VARIÁVEIS	MEDALHISTAS (n=71)	NÃO MEDALHISTAS (n=114)	P
	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)	
Eficácia Coletiva			
Habilidade	8.00 (7.25 – 8.75)	7.12 (6.00 – 8.00)	0.001*
Esforço	8.25 (7.50 – 8.75)	8.00 (7.18 – 8.50)	0.006*
Persistência	8.00 (7.00 – 8.50)	7.25 (6.50 – 8.00)	0.003*
União	8.00 (7.25 – 8.75)	7.50 (6.50 – 8.25)	0.004*
Preparação	8.25 (7.50 – 8.50)	7.25 (6.50 – 8.00)	0.001*
Orientação às metas			
Orientação para o Ego	2.00 (1.56 – 2.78)	2.11 (1.63 – 2.66)	0.938
Orientação para a Tarefa	4.00 (3.56 – 4.22)	3.77 (3.55 – 4.00)	0.016*

*Diferença significativa – $p<0.05$.

Ao analisar a correlação entre as dimensões de eficácia coletiva e as orientações as metas dos jogadores medalhistas, observou-se que a dimensão de orientação para a tarefa apresentou correlação significativa com as seguintes subescalas da EC: habilidade ($r=0.37$), esforço ($r=0.36$) e preparação ($r=0.36$). Já para os atletas não-medalhistas, a orientação para a tarefa se correlacionou com todas as variáveis da EC: Habilidade ($r=0.32$), Esforço ($r=0.32$), Persistência ($r=0.33$), União ($r=0.27$) e Preparação ($r=0.33$). Contudo a orientação para o ego não apresentou correlação significativa com nenhuma variável em ambos os grupos. Para verificar o impacto da orientação às metas na eficácia coletiva, após a análise de correlação, foi conduzido um modelo de regressão entre a orientação para a tarefa e as subescalas da eficácia coletiva que apresentaram correlação significativa ($p<0.05$).

FIGURA 1. Modelo de regressão do impacto da orientação as metas sobre a eficácia coletiva dos atletas medalhistas e não-medalhistas.

Verificou-se que a orientação para a tarefa apresentou impacto significativo ($p < 0.05$) na variabilidade da habilidade (8%), do esforço (9%), da persistência (11%), da união (8%) e preparação (11%) para os atletas não medalhistas (Figura 1). Já para os atletas medalhistas, observou-se que a orientação para a tarefa apresentou impacto significativo ($p < 0.05$) na variabilidade da habilidade (12%), esforço (13%) e preparação (13%).

QUADRO 2. Análise de regressão entre as variáveis com correlação significativa para os jovens atletas de voleibol.

VARIÁVEL DESFECHO	VARIÁVEL PREDITORA	R	β	R²	ERRO – PADRÃO	RÁCIO CRÍTICO	P
Não-medalhistas							
Habilidade	Orientação para a Tarefa	0.32	0.28	0.08	0.347	3.06	0.002
Esforço		0.32	0.29	0.09	0.244	3.271	0.001
Persistência		0.33	0.33	0.11	0.240	3.776	0.001
União		0.27	0.29	0.08	0.282	3.186	0.001
Preparação		0.33	0.33	0.11	0.282	3.777	0.001
Medalhistas							
Habilidade	Orientação paraa Tarefa	0.37	0.34	0.12	0.316	3.049	0.002
Esforço		0.37	0.37	0.13	0.296	3.281	0.001
Preparação		0.37	0.36	0.13	0.279	3.268	0.001

Em relação às trajetórias individuais do modelo de regressão (Quadro 2) para os atletas não medalhistas, verificou-se que o aumento da orientação para a tarefa possui um efeito moderado sobre a habilidade ($\beta=0.28$), esforço ($\beta=0.29$), persistência ($\beta=0.33$), união ($\beta=0.29$) e preparação ($\beta=0.33$). Para os atletas medalhistas, verificou-se que o aumento da orientação para a tarefa possui um efeito moderado sobre a habilidade ($\beta=0.34$), esforço ($\beta=0.37$) e preparação ($\beta=0.36$).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar a OM e a EC de atletas de voleibol, buscando especificamente verificar o impacto das OM na percepção de EC de jovens atletas de equipes de diferentes níveis de desempenho (medalhistas e não-medalhistas). De uma forma geral, observou-se que a OT apresentou um impacto positivo sobre a percepção de EC tanto dos atletas medalhistas, quanto dos não-medalhistas (Figura 1). Ressalta-se que, independente do nível de desempenho, quanto maior o foco na tarefa, melhor será a confiança do jogador em relação às habilidades e capacidade do grupo em realizar uma tarefa de forma bem-sucedida⁽²⁰⁾, visto que esses atletas estarão mais preocupados no desenvolvimento da sua competência, auto superação, e não somente com o desempenho ou resultado imediato⁽²²⁾. Tal resultado encontra suporte nos princípios da TOM, que apontam que a orientação esportiva é um aspecto fundamental para o sucesso de um atleta independente do seu nível competitivo, entretanto, o padrão motivacional adaptado tem mais tendência a se desenvolver quando os indivíduos adotam uma orientação para a tarefa⁽⁸⁾.

Pesquisas recentes^(5, 6, 29) encontraram resultados semelhantes aos do presente estudo com atletas de diferentes modalidades esportivas (voleibol, basquetebol, futebol e remo), indicando que uma forte tendência para a OT pode desenvolver melhores percepções de EC, enquanto uma forte disposição na OE pode, eventualmente, contrariar o conceito de colaboração que é necessário para a realização coletiva⁽²⁷⁾.

No entanto, percebeu-se que a OT é um elemento mais interveniente para os atletas não-medalhistas, uma vez que apresentou impacto sobre todas as dimensões de EC, indicando que para atletas que ainda não alcançaram o sucesso, o foco na tarefa é imprescindível para a melhor percepção de todos os aspectos da EC⁽²⁷⁾. Acredita-se que a ausência de impacto da OT sobre a percepção de União dos atletas medalhistas pode estar relacionada às segundas entradas e saídas de atletas ao longo da temporada, influenciando assim a percepção de união⁽³⁴⁾, uma vez que estas equipes disputam mais competições ao longo da temporada e possuem uma rotatividade maior de jogadores. Outra dimensão de EC que não sofreu efeito

da OT nos atletas medalhistas foi a Persistência, resultado que pode ser explicado pelo sucesso alcançado pela equipe na competição, uma vez que indivíduos que ainda não alcançaram o sucesso tendem a serem mais persistentes na busca dos objetivos ⁽³⁹⁾.

Embora a análise de regressão tenha apontado que a OT apresentou impacto na EC dos atletas independente do nível de desempenho competitivo e que seja mais importante para a percepção das dimensões de EC dos atletas não-medalhistas, verificou-se que os atletas medalhistas apresentaram maior percepção de EC em todas as subescalas (Quadro 1), indicando que acreditam mais na capacidade dos seus companheiros e se sentem mais confiantes para a obtenção de um bom desempenho ⁽²⁷⁾. Assim, pode-se dizer que jovens atletas bem-sucedidos em uma competição possuem melhor percepção das habilidades, persistência, união e preparação da equipe frente aos obstáculos a serem superados em detrimento a atletas malsucedidos ⁽³⁾.

Tais achados vão ao encontro da literatura ^(6, 25), que tem identificado que atletas de melhor nível competitivo ou mais bem-sucedidos possuem maior eficácia coletiva em relação às suas habilidades, além de serem mais confiantes na qualidade e capacidade da equipe em apresentar um bom desempenho competitivo ⁽³¹⁾. Diversas investigações ^(11, 23) também têm encontrado que a melhor percepção de EC está intimamente relacionada com o sucesso esportivo, uma vez que quanto mais o atleta acredita e confia em seus companheiros de grupo, melhor a coesão e o foco dos membros para obter sucesso na tarefa ⁽¹⁹⁾.

Percebeu-se também que os atletas medalhistas possuem maior foco na tarefa (Quadro 1), sugerindo que atletas bem-sucedidos são mais focados nas metas e objetivos da equipe, além de serem mais interessados e esforçados em melhorar o desempenho individual e coletivo ⁽⁴⁾. Pesquisas ^(18, 40) reforçam os achados deste estudo, destacando que a OT é mais presente que a OE nos esportes coletivos, visto que nestas modalidades os atletas são incentivados a conduzir os seus esforços em função do grupo em detrimento de suas metas pessoais ⁽⁴⁰⁾. Em contrapartida, Sari, Ilić e Ljubojević ⁽³⁵⁾ verificaram que atletas turcos de basquetebol eram mais orientados para o ego, entretanto, tal achado pode estar relacionado pelas especificidades culturais dos países.

Apesar dos achados serem relevantes para a área da Psicologia do Esporte, algumas limitações necessitam ser destacadas. Primeiramente, a restrição a apenas jovens atletas do estado do Paraná, o que não representa a realidade de jogadores de voleibol do Brasil. Contudo, a amostra pode ser considerada representativa uma vez que foram avaliados todos os atletas participantes da principal competição juvenil do estado. Em segundo lugar, foram analisados atletas de apenas uma modalidade esportiva (voleibol), impossibilitando a generalização dos resultados para todo o contexto esportivo juvenil brasileiro. Além disso, destaca-se que o delineamento transversal adotado produziu um

conjunto de predições significativo, entretanto, não necessariamente de relacionamentos causais, visto que apenas *designs* longitudinais permitiriam inferências mais profundas dos padrões de causalidade. Diante disso, novos estudos devem continuar analisando as relações entre estas variáveis com atletas de outros esportes, de diferentes regiões do país, além do uso de delineamentos longitudinais.

CONCLUSÃO

Os achados deste estudo apresentam significativas contribuições teóricas e práticas para a área da Psicologia do Esporte, uma vez que destaca as orientações para meta como um preditor da percepção de EC no contexto do voleibol juvenil. Apesar de já ser estabelecida na literatura a importância da EC em esportes de alta interdependência, como no caso do voleibol, nossos achados contribuem para o entendimento de seus antecedentes psicológicos e são inéditos na medida em que analisam jovens atletas de diferentes níveis de desempenho competitivo. Por meio dos resultados obtidos pode-se concluir que a orientação para tarefa tem impacto significativo na percepção da eficácia coletiva no contexto do voleibol juvenil independente do nível de desempenho dos atletas. Contudo, os atletas medalhistas percebem maior eficácia coletiva e são mais orientados para a tarefa.

Dessa forma, algumas implicações práticas podem ser destacadas para os profissionais que trabalham no contexto do voleibol juvenil. Em primeiro lugar, os resultados indicam que treinadores de jovens atletas devem trabalhar para que os seus atletas estejam focados nas metas e objetivos da equipe e não em seus desempenhos individuais, visto que o foco na tarefa e nas metas comuns da equipe favorecem a melhora da percepção de competência individual e coletiva. Outra contribuição refere-se à compreensão e entendimento das fontes de eficácia coletiva no contexto esportivo, visto que destaca a importância de os atletas serem voltados para a tarefa para o aumento da percepção de eficácia coletiva.

REFERÊNCIAS

1. Alfermann D, Geisler G, Okade Y (2013). Goal orientation, evaluative fear, and perceived coach behavior among competitive youth swimmers in Germany and Japan. *Psychol Sport Exerc* 14: 307-15.
2. Baker J, Côté J, Hawes R (2000). The relationship between coaching behaviours and sport anxiety in athletes. *J Sci Med Sport* 3: 110-9.
3. Bandura A, Azzi RG, Polydoro SA (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre.
4. Baser B, Bayar P, Ghorbanzadeh B (2013). A determination of goal orientation in respect to the age categories and gender volleyball players in relation to their success. *Eur J Exp Biol* 3:81-4.
5. Blecharz J, Luszczynska A, Tenenbaum G, Scholz U, Cieslak R (2014). Self-Efficacy Moderates but Collective Efficacy Mediates between Motivational Climate and Athletes' Well-Being. *Appl Psychol Health Well Being* 6: 280-299.
6. Damato G, Heard P, Grove JR, Eklund RC (2011). Multivariate relationships among efficacy, cohesion, self-talk and motivational climate in elite sport. *Pamukkale J Sport Sci* 2: 06-26.
7. Duda JL (1989). The relationship between task and ego orientation and the perceived purpose of sport among male and female high school athletes. *J Sport Exerc Psychol* 11: 18-335.
8. Duda JL, Olson LK, Templin TJ (1991). The relationship of task and ego orientation to sportsmanship attitudes and the perceived legitimacy of injurious acts. *Res Q Exerc Sport* 62: 79-87.
9. Feltz D, Short S, Sullivan P (2008). Self efficacy in sport: Research and strategies for working with athletes, teams and coaches. *Int J Sports Sci Coach* 3: 293-5.
10. Filho E, Tenenbaum G, Yang Y (2014). Cohesion, team mental models, and collective efficacy: towards an integrated framework of team dynamics in sport. *J Sports Sci* 2: 1-13.
11. Fransen K, Vanbeselaere N, Exadaktylos V, Vande Broek G, De Cuyper B, Berckmans D, Ceux T, De Backer M, Boen F (2012) "Yes, we can!": Perceptions of collective efficacy sources in volleyball. *J Sports Sci* 30: 641-649.
12. Gonçalves CE, Coelho e Silva MJ, Cruz J, Figueiredo A (2010). Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. *Rev Bras Educ Fis Esporte* 24: 15-26.
13. Goulart C, Rose J, D., Rezende A (2009). Tradução e validação do instrumento orientações às metas, aplicado a jovens esportistas brasileiros. *Revista de Educação Física* 2: 20-28.
14. Hall HK, Kerr AW, Kozub SA, Finnie SB (2007). Motivational antecedents of obligatory exercise: The influence of achievement goals and multidimensional perfectionism. *Psychol Sport Exerc* 8: 297-316.
15. Hampson R, Jowett S (2012). Effects of coach leadership and coach-athlete relationship on collective efficacy. *Scand J Med Sci Sports* 24: 454-60.
16. Heuzé JP, Raimbault N, Fontayne P (2006). Relationships between cohesion, collective efficacy and performance in professional basketball teams: an examination of mediating effects. *J Sports Sci* 24: 59-68.
17. Heuzé JP, Sarrazin P, Masiero M, Raimbault R, Thomas JP (2006). The Relationships of Perceived Motivational Climate to Cohesion and Collective Efficacy in Elite Female Teams. *J Appl Sport Psychol* 18: 201-18.
18. Hirota VB, De Marco A, Verardi CEL, de Moura Gomes R, De França E. (2013) Avaliação da orientação motivacional de metas na modalidade do futebol. *Mostrivência* 40: 67-79.
19. Jowett S, Chaundy V (2004). An investigation into the impact of coach leadership and coach-athlete relationship on group cohesion. *Group Dyn-Theor Res* 8: 302-11.
20. Jowett S, Shanmugam V, Caccoulis S (2012). Collective efficacy as a mediator of the association between interpersonal relationships and athlete satisfaction in team sports. *Int J Sport Exerc Psychol* 10: 66-78.
21. Jowett S, Cockerill IM (2003). Olympic medallists' perspective of the athlete-coach relationship. *Psychol Sport Exerc* 4: 313-31.
22. Keegan R, Spray C, Harwood C, Lavalley D (2010). The motivational atmosphere in youth sport: Coach, parent, and peer influences on motivation in specializing sport participants. *J Appl Sport Psychol* 22: 87-105.
23. Keshtan MH, Ramzaninezhad R, Kordshooli SS, Panahi PM (2010). The relationship between collective efficacy and coaching behaviors in professional volleyball league of Iran clubs. *World J Sport Sci* 3: 1-6.
24. Kline RB (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*: Guilford Press.
25. Kocaekşi S, Kuruç, Z (2013). An investigation of collective efficacy and team cohesion levels of successful and unsuccessful handball players in Turkey. *Pamukkale J Sport Sci* 4: 127-34.
26. MacCallum RC, Browne MW, Sugawara HM (1996). Power analysis and determination of sample size for covariance structure modeling. *Psychol Methods* 1: 130.
27. Magyar M, Feltz D, Simpson I (2004). Individual and Crew Level Determinants of Collective Efficacy in Rowing. *J Sport Exerc Psychol* 26: 136-53.
28. Marcos FML, Calvo TG, González IP, Miguel PAS, García-Mas A (2009). Aplicación de un programa de intervención para la mejora de la cohesión y la eficacia en jugadores de baloncesto. *Cuadernos de Psicología del Deporte* 9: 73-84.
29. Marcos FML, Sánchez-Miguel PA, Sánchez-Oliva D, Alonso DA, Calvo TG (2011). Análisis del clima motivacional como antecedente de la eficacia colectiva en futbolistas semiprofesionales. *Rev Psicol Deporte* 21: 159-62.
30. Marôco J (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*: ReportNumber, Lda.
31. Myers ND, Feltz DL, Short SE (2004). Collective Efficacy and Team Performance: A Longitudinal Study of Collegiate Football Teams. *Group Dyn-Theor Res* 8: 126-138.
32. Olympiou A, Jowett S, Duda J (2008). The psychological interface between the coach-created motivational climate and the coach-athlete relationship in team sports. *Sport Psychol* 22: 423-38.
33. Paes MJ (2014). *Validação do Collective Efficacy Questionnaire For Sports (CEQS) para atletas brasileiros*. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física: 108p.
34. Rocha HPA, Bartholo TL, de Melo LBS, Soares AJ (2011). Jovens esportistas: profissionalização no futebol e formação na escola. *Motriz: Rev Educ Fis*. 17: 252-263.
35. Sari İ, Ilić J, Ljubojević M (2013). The comparison of task and ego orientation and general self-esteem of Turkish and Montenegrin young basketball players. *Kineziologija* 45: 203-12.
36. Sarrazin P, Guillet E, Cury F (2001). The effect of coach's task-and ego-involving climate on the changes in perceived competence, relatedness, and autonomy among girl handballers. *Eur J Sport Sci* 1: 1-9.
37. Short SE, Sullivan P, Feltz DL (2005). Development and preliminary validation of the collective efficacy questionnaire for sports. *Measurement in Physical Education and Exercise Science* 9: 181-202.
38. Stajkovic AD, Lee D, Nyberg AJ (2009). Collective efficacy, group potency, and group performance: Meta-analyses of their relationships, and test of a mediation model. *J Appl Psychol* 94: 814-825.
39. Treasure DC, Robert GC (2001). Students' perceptions of the motivational climate, achievement beliefs, and satisfaction in physical education. *Res Q Exerc Sport* 72: 165-175.
40. Vasconcelos-Raposo J, Moreira JM, Teixeira CM (2013). Clima motivacional em jogadores de uma equipe de andebol. *Motricidade* 9: 117-26.
41. Zaccaro SJ, Blair V, Peterson C, Zazanis M (1995). Self-efficacy, adaptation and adjustment: Theory, research, and application. In Maddux JE (Ed). *Collective efficacy*. New York: Plenum Press, 305-28.